

# O Caso Comitativo<sup>1</sup>

(Comitative case)

Sebastião Exedito Ignácio<sup>1</sup>, Ana Carolina Sperança<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Linguística – Universidade Estadual Paulista (UNESP – Araraquara)

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista (UNESP – Araraquara)  
carolinasperanca@yahoo.com.br

**Abstract:** Comitative is a semantic case not much studied. Traditional grammar includes it sometimes as Indirect Object, sometimes as Adverbial Adjunct of Company. In this paper, we show that it is a nuclear element, therefore it is a Complement not an Adjunct; in other words, being a deep semantic case, it constitutes an Argument selected by the verb in the sentence organization.

**Keywords:** comitative, semantic case, complement, adjunct.

**Resumo:** O Comitativo é um caso semântico pouco estudado. A gramática tradicional o inclui ora como Objeto Indireto, ora como Adjunto Adverbial de Companhia. Neste artigo defendemos a posição de que se trata de um termo nuclear, portanto um Complemento e não um Adjunto; em outras palavras, sendo um Caso Semântico subjacente, constitui um Argumento selecionado pelo verbo na estruturação da oração.

**Palavras-chave:** comitativo, função semântica, argumento, complemento, adjunto.

## 1. Considerações preliminares

Fazendo-se um percurso pelos manuais que representam os conceitos linguísticos, as descrições gramaticais, os modelos de análise sintática com vistas ao ensino, nota-se uma inadequação na classificação de alguns complementos verbais classificados como adjuntos. Isso se deve ao fato de não se levar em conta a natureza valencial do verbo, ou seja, não se atenta para o valor semântico do núcleo verbal que exige o preenchimento de casas vazias com constituintes chamados nucleares ou complementos, diferentes de termos periféricos, não resultantes da valência do verbo, chamados adjuntos. A tendência a classificar os termos nucleares como adjuntos adverbiais reside no fato de que se leva em conta apenas os traços semânticos próprios dos advérbios como tempo, lugar, companhia, por exemplo, presentes nesses constituintes. Inclui-se nesse rol o Comitativo, termo nuclear, complemento de companhia, normalmente classificado como adjunto. Atualmente, alguns manuais e alguns dicionários, atinando com o problema, já andam incluindo na classe dos verbos transitivos os transitivos circunstanciais, na tentativa de sanar essa lacuna. Apenas dois dicionários, o *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil* (BORBA, 1991) e o *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002), que segue a mesma orientação do primeiro, classificam aquele constituinte – o Comitativo – como complemento. No entanto, ainda não há uma sistematização abrangente e muitos verbos ora são classificados como transitivos circunstanciais ora como intransitivos.

No Dicionário Aurélio (1999), encontramos:

---

<sup>1</sup>Gostaria de fazer uma singela homenagem ao prof. Sebastião Exedito Ignácio, por sua dedicação à pesquisa em Linguística no Brasil e, sobretudo, por sua amizade. Este artigo, cuja publicação se deu após seu falecimento, é resultado de sua participação cuidadosa, tanto na pesquisa quanto na redação do texto.

- (01) **descer**  
 (...)
   
V.t.c.
   
19. Sair ou vir de lugar elevado: *descer do morro.*
  
(...)
   
21. Baixar, pousar, descender: *A nave desceu sobre o descampado.*

Em Houaiss et al. (2001), esse mesmo verbo, nas mesmas condições, é classificado como intransitivo:

- (02) **descer**  
 (...)
   
Intransitivo
   
7. baixar (alguma coisa) relativamente a outra: Ex.: *a névoa descia até o nível das casas.*

Em relação ao Comitativo, os dicionários em geral classificam-no como Objeto Indireto. Essa classificação é indevida uma vez que o Objeto Indireto não exerce a mesma função semântica do Sujeito, como é o caso do Comitativo. Tomamos também do Dicionário Aurélio (1999) estes exemplos:

- (03) **discutir**  
 (...)
   
V.t.i.
   
5. Travar discussão; questionar: *Não costuma discutir com o pai.*

- (04) **contracenar**  
 (...)
   
V.t.i.
   
4. Representar, atuar, interpretar: *Bibi Ferreira contracenou com Paulo Autran na peça O Homem de La Mancha.*

Essa situação despertou-nos o interesse pelo estudo desse caso semântico negligenciado até então. Partimos de um levantamento feito nos dois dicionários citados acima, *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002), e *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil* (BORBA, 1991), onde se descreve a predicação verbal com base na gramática de valência. Embora não se mencione ali o termo Comitativo, este é sempre classificado como Complemento. Ex.:

- (05) **DISCUTIR [Ação] [Suj Ag] (...) [Compl com+nome humano] 1** promover discussão; debater; alterar: *Discutir com tio Inácio era impossível.* (BS)

- (06) **SAIR [Ação] [Suj Ag] (...) [Compl com+nome humano] (...) 10** ir em passeio; passear: *Não saio mais com você.* (PL); *Naquela tarde sai com Germana.* (LM)

## 2. Base teórica e conceitos operacionais básicos

Não há trabalhos representativos sobre o caso Comitativo. A base teórica que sustenta esta discussão se insere no âmbito da **gramática de valências** (TESNIÈRE, 1961; CHAFE, 1979 [1970]; VILELA, 1984; BORBA, 1996) e na **gramática de casos** (FILLMORE, 1968, 1969; FILLMORE, LANGENDON, 1971; 1977a; 1977b) A primeira estuda os valores semânticos, a natureza morfossintática e o número dos elementos nominais obrigatórios (Argumentos) exigidos pelo verbo ou pelo nome. A segunda estuda as **funções** ou **papéis temáticos** ou **casos**, estruturas semânticas que se representam pelas funções sintáticas, ou seja, Agente para a função de Sujeito, Paciente, Instrumental para a função de Sujeito e Objeto, etc. Assim, o Comitativo é uma função

semântica que recobre o Complemento de Companhia, indevidamente classificado como Adjunto. Sobre a gramática de valência e gramática de casos, assim se pronuncia Borba (1996):

Uma gramática de valência procura detectar relações de dependência entre categorias (básicas) que (co)ocorrem num contexto. (...) uma gramática de valências toma como nuclear um elemento oracional (o verbo) e demonstra como os demais se dispõem em torno dele através de relações de dependência. (...) A gramática de casos se preocupa com as funções semânticas subjacentes na organização da frase, devendo determinar as relações sintático-semânticas ou temáticas (funções ou papéis temáticos) que fazem parte da estrutura conceitual dos itens léxicos. (p. 16-17)

### 3. Valência, Regência e Transitividade Verbais

O conceito de valência verbal se aproxima dos conceitos de regência e transitividade verbais, com a diferença de que o termo valência é mais abrangente e permite uma rediscussão da nomenclatura tradicional dos elementos que “completam” o sentido do verbo.

Por regência se entende, tradicionalmente, a propriedade que têm os verbos de exigirem complementos, preposicionados ou não, classificados como Objetos (Indiretos ou Diretos). Daí serem considerados transitivos apenas os verbos que admitem esses complementos. Um verbo que exija um complemento de lugar ou de tempo, por exemplo, classifica-se, segundo a *NGB*, como intransitivo,<sup>2</sup> como é o caso dos verbos que pressupõem um complemento de lugar (“ir”, “vir”, “chegar”, etc.), dos verbos que pressupõem complemento de tempo (“durar”, etc.) e, às vezes, de tempo e lugar concomitantemente (“ficar”, etc.).

Em construções como:

- (07) Fomos **a Brasília**.
- (08) Chegamos **a São Paulo**.
- (09) A guerra durou **dez anos**.
- (10) Paulo ficou **duas horas no ponto do ônibus**.

fica evidente a impropriedade em dizer-se que tais verbos sejam intransitivos. Note-se que o verbo “ficar”, no exemplo (10), exige dois complementos: um de **tempo** e outro de **lugar**.

Por valência se entende a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios na organização da oração. Dessa forma, além dos complementos tradicionais (Objetos), incluem-se os chamados complementos circunstanciais (de tempo, lugar, etc.) e o próprio Sujeito. Por outro lado, enquanto a regência e a transitividade se restringem ao nível das relações sintáticas, a valência abrange também o nível semântico. Daí

---

<sup>2</sup> Antes da simplificação feita pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, alguns autores, percebendo a obrigatoriedade desses complementos chegaram a classificar os verbos em questão como **transitivos adverbiais**.

dizemos que um determinado verbo exige tantos complementos (valência **quantitativa**) com tais valores semânticos (valência **qualitativa**). Assim, o verbo “matar”, por exemplo, será **bivalente** (valência **quantitativa**), por exigir um Sujeito e um Objeto (*Fulano matou Sicrano*), como também seleciona um Sujeito [Agente] e um complemento [Paciente] e [+animado] (valência **qualitativa**).

Borba (1996) fala em valência **quantitativa**, valência **sintática** e valência **semântica**: (i) valência **quantitativa**: como vimos, refere-se ao número de Argumentos necessários a preencherem as “casas vazias” do verbo – esse número vai de zero a quatro em português (q.v. os exemplos anteriormente citados); (ii) valência **sintática**: refere-se à natureza morfossintática dos elementos que constituem os Argumentos. Assim, por exemplo, o verbo “persuadir” prevê, além do SN<sub>1</sub> que funciona como sujeito, um SN<sub>2</sub> que funciona como Objeto Direto e um SO<sub>prep</sub> (Sintagma Oracional preposicionado, na forma infinitiva) que funciona como Objeto Indireto. Ex.: *João persuadiu a esposa a ir com ele ao teatro*. (iii) valência **semântica**: das propriedades semânticas dos verbos decorrem os papéis semânticos e traços que caracterizam os Argumentos. Um verbo como “galgar” seleciona um Sujeito **Agente** (+animado, ±humano) e um Complemento de **Lugar**: *O alpinista galgou a montanha em poucas horas*.

**OBSERVAÇÃO: Valência, Regência e Transitividade** são propriedades que se detectam no **funcionamento** do verbo, isto é, na sua realização no discurso. Por isso não se pode dizer que um mesmo verbo tenha sempre as mesmas propriedades. Assim, um verbo primitivamente **bivalente, transitivo**, etc. pode, em determinadas circunstâncias, passar a funcionar como **monovalente, intransitivo**, etc. Seja, por exemplo, o verbo “comprar”, **bivalente e transitivo direto** numa oração como *Minha mulher comprou um carro*. Esse mesmo verbo será **monovalente e intransitivo** numa oração em que o complemento esteja “apagado”: *Minha mulher não passa um dia sem comprar*. Do mesmo modo, um verbo primitivamente **monovalente e intransitivo** pode funcionar como **bivalente e transitivo**. É o caso, por exemplo, do verbo “andar” nestes dois exemplos: (a) *Esta criança ainda não anda*. [**monovalente; intransitivo**] e (b) *Andei toda a cidade a pé*. [**bivalente; transitivo circunstancial/lugar**]; também, com o verbo “viajar” em: (c) *Pedro viajou*. [**monovalente, intransitivo**] e (d) *Pedro viajou com a família apenas*. [**bivalente, transitivo**], sendo o complemento pressuposto um Comitativo. O que não se pode confundir, todavia, é “apagamento” com “elipse”. Neste último caso, o complemento estará implícito, facilmente recuperável pelo contexto. Ex.: *Todos viram o cometa passar, só Margarida não viu*. Neste caso, o verbo “ver”, da segunda oração, continua apresentando as mesmas características que apresenta na primeira.

#### 4. Características do Comitativo

O Comitativo se caracteriza por participar da estrutura oracional na posição de complemento, porém com função idêntica à do sujeito da oração. Assim sendo, pode-se dizer que ele recobre as funções de Agente e/ou Paciente segundo o verbo seja de ação ou de processo. Pode ainda recobrir a função de Objetivo (FILLMORE, 1968, 1969) ou Paciente (CHAFE, 1979) com verbos estativos. Do ponto de vista da estrutura sintática (ou sintagmática), vem normalmente introduzido pela preposição *com*, mas pode também, comutativamente, ser introduzido pela locução *junto com*. Ex.:

(11) O padrão discutia **com o empregado**. [Verbo de ação: Sujeito e Comitativo são Agentes]

- (12) O filho sofria **junto com a mãe** a perda do pai. [Verbo de processo: Sujeito e Comitativo são Pacientes].
- (13) O passado coabita **com o presente**. [Verbo de estado: Sujeito e Comitativo são Objetivos/Pacientes]

Numa transposição, a que chamamos “estrutura derivada” (IGNÁCIO, 1994), o Sujeito e o Comitativo se associam, num processo de coordenação, formando um Sujeito Composto, ou podem condensar-se numa forma de plural. Esse fato comprova a identidade dos papéis semânticos desses dois constituintes. Ex.:

(11a) *O patrão e o empregado discutiam. > Eles discutiam.*

(12a) *O filho e a mãe sofriam com a perda do pai. > Eles sofriam.*

É necessário distinguir o Comitativo do Destinatário em estruturas sintáticas semelhantes, isto é, em que o complemento é introduzido por *com*. No caso do Destinatário, tradicionalmente classificado como Objeto Indireto, não há identidade de funções semânticas entre Sujeito e Complemento, a preposição pode ser substituída por *a* ou *para* e o complemento pode comutar-se com o pronome *lhe*. Ex.:

(14) Vou falar **com o diretor** sobre esse assunto. [= Vou falar **ao** diretor. Vou falar-**lhe**.]

## 5. Como os manuais de gramática tradicional, bem como os mais modernos, têm tratado o assunto

### 5.1 Indicando tão-somente como Adjunto Adverbial de Companhia:

ABREU (2003) – *Saiu com duas amigas*. (p.103)

ROCHA LIMA (1973) – *Saiu com amigos*. (p. 228)

CELSO CUNHA (1970) – *Lanchas, ide com Deus! Ide e voltai com ele...* (p. 107)

GAMA KURY (1985) – *Sairei contigo*. (p. 56)

FARACO e MOURA (1999) – *Só saía com os pais*. (p.460)

### 5.2 Tecendo comentários interessantes sobre esse caso:

MACAMBIRA (1987) – Esse autor inclui entre os Adjuntos Adverbiais preposicionados o de Companhia, dizendo o seguinte:

*A preposição com, por ser polissêmica, não se presta por si só para identificar o adjunto adverbial de companhia, donde apelar-se para a locução junto com, praticamente monossêmica; toda vez que a preposição com for substituível por junto com, temos então a circunstância de companhia: trabalhei com você – trabalhei junto com você.* (p. 331)

BECHARA (1999) – Esse autor, embora considere também o termo como Adjunto, chega a fazer uma distinção que diz respeito à diferença entre Complemento e Adjunto, quando fala em “adjuntos participativos” e “não participativos”; todavia, não chega a admitir a condição de termo argumental. Vejamos:

*Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:*

*De noite, o jovem trabalhava em casa em companhia dos irmãos.*

*Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:*

*O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.*

*O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.*

*O jovem trabalhava. (p. 439)*

(...)

*Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:*

*O capitão com seus soldados desbaratou o inimigo.*

*O professor com seus colegas dirigiu a exposição.*

*A diretora expulsou da sala o aluno com seus colegas de arruaça.*

*Como exemplos de não-participativos temos:*

*O colega trouxe consigo o livro pedido.*

*Minha irmã foi ao baile com vestido novo.*

*O pai gostava dos filhos com os avós. (p. 445)*

(...)

*Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:*

*O capitão com seus soldados desbaratou o inimigo.*

*O capitão com seus soldados desbarataram o inimigo.*

*Em tais condições, a estrutura sujeito+adjunto adverbial pode alternar com a estrutura de sujeito composto:*

*O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo. (p. 445)*

Como se vê, os autores não consideram o Comitativo como um Complemento do mesmo nível sintático do Objeto Indireto, optando por classificá-lo como Adjunto Adverbial de Companhia.<sup>3</sup>

A seguir, arrolamos os exemplos do Dicionário de usos do português do Brasil (BORBA, 2002), que têm a função de Comitativo.<sup>4</sup>

- (15) **ABOCAR** comunicar-se; entender-se: *Consegui abeirar-me de uma das avenidas e abocar-me com um agente de trânsito.* (AM-O)

<sup>3</sup> Na gramática portuguesa de Mateus et al. (1983), o caso comitativo é considerado uma função sintática oblíqua, por não possuir o estatuto das funções sintáticas centrais (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo). No entanto, tem valor argumental (diferentemente dos advérbios), ainda que seja opcional em alguns casos. Além do comitativo, também as funções semânticas de **instrumental**, **tempo/duração/frequência** e **locativo situacional ou direcional** assumem, de acordo com as autoras, a função de complemento oblíquo.

<sup>4</sup> Selecionamos os exemplos prototípicos, grifando os complementos Comitativos. As siglas no final de cada exemplo representam a abreviatura dos nomes convencionais das obras de onde foram extraídos, segundo critério do Dicionário de usos do português do Brasil (BORBA, 2002). Ao final deste texto encontram-se em anexo as obras referentes às siglas.

- (16) **AJUNTAR** amancebar-se; amasiar-se: *Casado sou, mas separado estou. Você podia se ajuntar comigo.* (S)
- (17) **AMANCEBAR-SE** viver maritalmente; amasiar-se: *Esteve por aqui, amancebou-se com Osvaldo.* (OS); *Padres que se amancebavam com mestiças.* (RET)
- (18) **AMANDRINHAR** unir-se a; ligar-se a: *Bento não resistiu, se amadrinhou com eles.* (SA)
- (19) **AMASIAR** estabelecer relação não oficial de casamento: *Acaso lhe disse que desejava me amasiar contigo?* (NOD)
- (20) **ANDAR** conviver: *Com que espécie de gente você anda?* (DE)
- (21) **ARRANCHAR-SE** juntar-se; amasiar-se: *Raimunda arrancha-se com o turco.* (Q)
- (22) **ARTICULAR-SE** entrar em entendimento: *Procura o PTB articulando-se com o PSD para escolha de candidato comum à Prefeitura.* (ESP)
- (23) **ASSENTAR-SE** fazer companhia: *Seu marido é estimado entre os juizes quando se assenta com os anciãos da terra.* (LE-O)
- (24) **ATRACAR-SE** entrar em luta corporal; engalfinhar-se: *A moça se atraca com o bilheteiro.* (UC)
- (25) **ATRITAR-SE** indispor-se; brigar: *Não quer atritar-se ainda mais com o presidente.* (VEJ)
- (26) **AVISTAR-SE** entrar em contato; encontrar-se: *Não sei se o senhor já teve oportunidade de se avistar com minha mulher.* (CCA);
- (27) **BOQUEJAR** discutir: *Um dia, de cabeça quente, boquejei com Laércio.* (DM)
- (28) **CHOCAR-SE 1** encostar, como decorrência de um movimento brusco; ir de encontro a: *O prato se chocou com a travessa de arroz.* (TPR); *O trem se chocou com o ônibus.* (FSP); **2** encontrar-se; juntar-se: *Chocou-se o ar noturno com o corpo quente.* (MC)
- (29) **COABITAR** estar instalado em comum; estar junto; coexistir: *O passado coabita com o presente.* (FN); *Há a crença de que à noite a lua vem coabitar com as mulheres menstruadas.* (IA)
- (30) **COLIGAR-SE** juntar-se; unir-se: *O candidato e o seu partido, o PSDB, foram duramente criticados por se coligarem com políticos que participaram dos governos militares.* (GAZ)
- (31) **COMBINAR 1** ajustar; acertar; acordar: *Combinei certos detalhes com os assessores.* (OL); **2.** conviver; dar-se bem: *Ela parecia combinar bem com o marido.* (SA); **3.** reagir quimicamente: *O gás carbônico combina-se com H<sub>2</sub>O produzindo ácido carbônico.* (FIA); *O cianeto de potássio combina com o ácido clorídrico do suco gástrico.* (TC)
- (32) **COMERCIAR** exercer transações comerciais: *Os Estados Unidos ficaram proibidos de comerciar com Cuba.* (OL)
- (33) **CONCHAVAR** (*Deprec*) fazer acordo ou ajuste; maquinar; tramar: *O Delfim Neto vai conchavar com Laudo Natel.* (SC)
- (34) **CONFABULAR** trocar idéias; conversar: *Jerônimo confabulava com os filhos do morto.* (ML); *O homem amarelo confabulava com o soldado gordo.* (R)
- (35) **CONFERENCIAR** discutir ou tratar em conferência; conversar; palestrar: *Benjamim Vargas conferenciava logo a seguir com o Sr. Getúlio Vargas.* (OG); *Breta proibiu a Adélia de confidenciar-se até com as irmãs.* (REP)

- (36) **CONSORCIAR-SE** unir-se em matrimônio: *Humantina consorciou-se com Nestor.* (VN); 2 unir-se em consórcio: *Os grupos empresariais que se consorciaram com empresas estrangeiras para disputar o mercado de serviços de telecomunicação não desistiram de lutar pela quebra do monopólio estatal.* (FSP)
- (37) **CONTRACENAR** participar de uma cena juntamente com outra pessoa: *Manguari que continua sentado cantando e ao mesmo tempo contracenando com Lorde.* (RC); *Sabe que ela já contracenou com Tônia Carrero?* (CHU)
- (38) **CONVERSAR 1** falar; palestrar: *O delegado conversa com Lourenço.* (CBC); *O negrinho veio conversar com José.* (ZH); 2 discorrer; expor; discutir: *Conversei com ele sobre as nossas dificuldades.* (DM);
- (39) **CONVIAJAR** locomover-se junto: *Toras flutuantes e corpos conviajando com a babugem e com pedaços de vegetais.* (SA)
- (40) **CONVIVER 1** viver em comum; viver em intimidade: *Eu conheço isso porque convivo com os homens.* (AC); *A capivara convive com bois, cavalos ou mesmo jacarés.* (GL); 2 estar em contato permanente: *Não posso conviver com este problema.* (OL); *Betinho convive com o risco permanente de ver sua agonia ter início a qualquer momento.* (VEJ)
- (41) **CONVOLAR** desposar; casar: *A Leopoldina (...) convolara com o Sebastião de Rezende.* (BAL)
- (42) **CORRESPONDER** estabelecer comunicação por meio de correspondência: *Este é o amigo com quem me correspondia.* (MEC)
- (43) **DANÇAR** executar passos e outros movimentos com o corpo ao som de uma música; bailar: *Fogareiro dançava agora com uma mulher forte.* (RIR)
- (44) **DESPACHAR** praticar atos decisórios, como autoridade: *O presidente Jânio [...] despachava com o ministro João Agripino.* (CRU)
- (45) **DUELAR** bater-se em duelo; lutar: *É certo que morrerá se duelar contigo.* (RET)
- (46) **ENCONTRAR-SE** ir ao encontro de: *Lá fui eu me encontrar com Paulo.* (FI); *Branca de Neve continua a encontrar-se com o Príncipe.* (BN)
- (47) **ENTREVISTAR-SE** encontrar-se para conversar: *Quero me entrevistar com ele na quarta-feira.* (CB); *Marcondes Pompeu deverá entrevistar-se pessoalmente com Pio XII.* (NB)
- (48) **ENTURMAR-SE** (Coloq) entrosar-se com: *Arlete já se enturmou com o grupo.* (TGG)
- (49) **ESTAR 1** ter a companhia de: *Mariozinho de Oliveira estava comigo.* (RO); *Ontem ele estava com Jandira* (Q); 2 apoiar; concordar: *Aliás, os anarquistas estavam com Dreifus porque o processo desprestigiara a Autoridade e a Reação.* (FL-O); *Estou com papai em tudo e por tudo.* (MO)
- (50) **FALAR** conversar: *Eu bem que falei com ele.* (TP)
- (51) **GRUDAR-SE** atracar-se; engalfinhar-se: *Dedé deu um grito de onça e grudou-se com o outro.* (CA)
- (52) **INTERAGIR** exercer interação; atuar em conjunto: *A forma como os pais interagem com os filhos, dando carinho, amor, aconchego e proteção é que vai ser importante para uma boa estrutura psicológica e de sexualidade.* (OD)
- (53) **IR 1** seguir com; acompanhar: *Santana teria recrutado quatro amigos e foi com o grupo até a rua onde Menezes morava.* (FSP); *Há pouco tempo, fui com Daniela Mercury minerar algumas*



raridades da MPB, na Baratos Afins, no centro de São Paulo. (FSP); 2 copular: *Se Jandira concordou em ir com você é porque quer.* (Q)

- (54) **MACOMUNAR-SE** conluiar-se; aliar-se: *Se Bernardo não se mancomunou com os cobras pra levar umas, deve ser mais ou menos isso.* (FP); *Infelizes que tinham se mancomunado com os sem-máculas.* (LC)
- (55) **MATRIMONIAR** casar: *Carrazedo Cruz, que matrimoniou com a cintura de Anabela em 1922, apelou para o álbum de família de modo a ver que lavoura sem jeito o tempo havia plantado nos vales e curvas da dita Anabela.* (NI)
- (56) **MORAR 1** viver junto; coabitar: *A tia velha foi morar com vocês no Leme?* (L) **2** viver maritalmente: *Maria Rita estava morando com o espanhol.* (SA); *estou morando de amigado com uma mulherzinha do Timbó.* (SA)
- (57) **OMBREAR-SE** competir; rivalizar: *Agora ombreia-se com os elementos da classe inimiga.* (PRO)
- (58) **PAPEAR** falar muito; tagarelar; conversar: *Na sexta-feira passada parei para papear com um deles na rua* (FSP)
- (59) **PORFIAR** debater; contender; altercar: *Não adiantava encalçar, com ele porfiar* (COB)
- (60) **PRIVAR** conviver intimamente: *Contou-nos advogado que privou com ele que o mesmo contraira mal venéreo, na mocidade, tornando-se incapaz para a vida regular.* (FI)
- (61) **PROMISCUIR-SE** unir-se de modo desordenado; misturar-se; juntar-se: *Um reduto em que batedores de carteira, rufiões, jogadores e o geral da malandragem se promiscuía com tiras e negociantes de virações graúdas e miúdas.* (MPB)
- (62) **RECOMPOR-SE** reconciliar-se: *Eleodegário se recompusera com o governador.* (SA)
- (63) **REGOZIJAR-SE** divertir-se: *E nunca me deste um cabrito para eu regozijar-me com meus amigos.* (VES)
- (64) **RUFIAR** (Coloq) ter relações sexuais com: *Padim Ciço um santo que conversa com Deus e não rufia com mulher nenhuma.* (OSD)
- (65) **RUSGAR** discutir; desentender-se: *Os próprios esquadrões já iam rusgando uns com os outros.* (CG)
- (66) **SAIR** ir em passeio ou namoro com; passear: *Não saio mais com você.* (PL)
- (67) **TRATAR** falar; conversar: *Pedro resolveu constituir advogado para tratar com a família Soares.* (A)
- (68) **VIVER** ter vida em comum; coabitar: *Fazer isso comigo como se tivesse vivido com você só uma semana?* (E)

## 6. Considerações finais

É necessário que se faça uma revisão nos manuais didáticos e dicionários a fim de que se considere o Comitativo como Complemento Verbal e não como Adjunto Adverbial. A classificação como Objeto Indireto, adotada por alguns dicionários, também deve ser revista, uma vez que se trata de constituinte com características (funções) semânticas diversas. Enquanto o primeiro participa do evento (estado de coisas) nas mesmas condições do sujeito, podendo, por isso mesmo, com ele coordenar-se ou condensar-se numa forma de

plural, o segundo se caracteriza como Destinatário, Beneficiário, etc., não podendo associar-se ao sujeito sintaticamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. S. *Gramática mínima*. Para o domínio da língua padrão. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: 1999.
- BORBA, F.S. et al. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Tradução de M. H. M. Neves et al. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979 [1970].
- CUNHA, C. F. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1999.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio – Século 21*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, Emmon; HARMS, Robert (Eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1968. p. 1-88.
- \_\_\_\_\_. Types of Lexical Information. In: KIEFER, F. (Ed.). *Studies in Syntax and Semantics*. Dordrecht-Holland: D. Reidel Publishing Co., 1969. p. 370-392.
- \_\_\_\_\_. The Case for Case Reopened. In: COLE, P.; SADOK, J. M. (Eds.) *Syntax and Semantics: Grammatical Relations*. New York: Academic Press, 1977a. p.59-80 (Vol. 8)
- \_\_\_\_\_. Em favor do caso. Tradução de Lúcia M. Lobato. In: LOBATO, M. L. M. *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977b.
- FILLMORE, C. J.; LANGENDON, D. T. (Eds.) *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IGNÁCIO, S. E. O processo da derivação frasal nas frases dinâmicas do português escrito contemporâneo do Brasil. *ALFA Revista de Linguística*, São Paulo, v. 38, 1994. p. 33-45.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedima, 1983.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris, Klincksieck, 1966.

VILELA, M. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1984.

## ANEXO

<b>Sigla</b>	<b>Obras</b>
A	<i>Ângela ou as areias do mundo</i> . FARIA, O. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
AC	<i>Auto da Compadecida</i> . SUASSUNA, A. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
AM-O	<i>Discursos de Gilberto Amado</i> .
BAL	<i>Balão Cativo</i> . NAVA, P. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
BN	<i>Branca de Neve</i> . MONIZ, E. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
CA	<i>Cangaceiros</i> . REGO, J. L. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
CBC	<i>O conto brasileiro contemporâneo</i> . BOSI, A. São Paulo: Cultrix, 1977.
CCA	<i>Crônica da casa assassina</i> . CARDOSO, L. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera, 1959.
CG	<i>Contos gauchescos</i> . NETO, S. L. 5. ed. São Paulo: Globo, 1957.
CHU	<i>Chuvas de verão</i> . DIEGUES, C. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1977. (Roteiro de filme)
COB	<i>Corpo de baile</i> . ROSA, G. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 [1956].
CRU	<i>O Cruzeiro</i> . Jan.1955, Ago.1959, Set. 1959.
DE	<i>Os 18 melhores contos do Brasil</i> . TREVISAN, D. Rio de Janeiro: Block, 1968.
DM	<i>Os dez mandamentos</i> . Vários autores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
E	<i>É</i> . FERNANDES, M. Porto Alegre: L&PM Editores, 1977.
ESP	<i>O Estado de S. Paulo</i> .
FI	<i>Ficção e ideologia</i> . CUNHA, F. W. Rio de Janeiro: Pongueti, 1972.
FIA	<i>Fisiologia animal comparada</i> . PINSETTA, S. E. São Paulo: Anglo, 1985 (livro-texto 43)
FL-O	<i>Discursos de Fernando Lyra</i> .
FN	<i>Folclore nacional</i> . ARAÚJO, A. M. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
FP	<i>O fiel e a pedra</i> . LINS, O. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1961.
FSP	<i>Folha de S. Paulo</i> .
GAZ	<i>A Gazeta de Vitória do Espírito Santo</i> .
GL	<i>Globo Rural</i> . 8, 15, 17, 18, 43.
IA	<i>Introdução à antropologia brasileira</i> . RAMOS, A. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1951. v. 51.
L	<i>A ladeira da memória</i> . VIEIRA, J. G. São Paulo: Saraiva, 1950.
LC	<i>Lobos e cordeiros</i> . LOPES, E. São Paulo: Moderna, 1983.
LE-O	<i>Eu era cego e agora vejo</i> .
MC	<i>A Madona de Cedro</i> . CALLADO, A. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
MEC	<i>Memórias do Cárcere</i> . RAMOS, G. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
MO	<i>A moratória</i> . ANDRADE, J. São Paulo: Agir, 1980.
MPB	<i>Malagueta, Perus e Bacanaço</i> . ANTONIO, J. 4. ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976.
NB	<i>O nome do bispo</i> . TAVARES, Z. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- NI *Um ninho de mafagafes.* CARVALHO, J. C. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- NOD *Nó de quatro pernas.* TOURINHO, N. Revista de Teatro (Rio de Janeiro): 457, 1986.
- OD *O Dia.* Rio de Janeiro.
- OL *O outro lado do poder.* ABREU, H. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- OS *Os servos da morte.* FILHO, A. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- OSD *Os desvalidos.* DANTAS, F. G. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- PL *Meu pé de laranja lima.* VANCONCELLOS, J. M. São Paulo: Melhoramentos, 2004.
- PRO *Prodígios.*
- Q *Quarup.* CALLADO, A. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- R *Roteiro da agonia.* ÉLIS, B. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.
- RC *Rasga coração.* FILHO, O. V. Rio de Janeiro: MEC, DAC, Funarte, 1980.
- REP *República dos sonhos.* PIÑON, N. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- RET *O retrato do rei.* MIRANDA, A. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- RIR *Um rio imita o Reno.* VIANNA, M. 8. ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966.
- RO *Rosamundo e os outros.* PONTE PRETA, S. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.
- S *Serras Azuis.* LIMA, G. F. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SA *Sagarana.* ROSA, G. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- SC *Seria cômico se não fosse trágico.* RANGEL, F. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1979.
- TC *Toxicologia clínica e forense.* ALCÂNTARA, H. R. 2. ed. São Paulo: Editora Organização Andrei, 1985.
- TGG *Teatro de G. Guarnieri.* GUARNIERI, G. São Paulo: Hucitec, 1988. (Texto para TV)
- TPR *Tragédia para rir.* FIGUEIREDO, G. O. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1958.
- UC *O último carro.* NEVES, J. Rio de Janeiro: MEC, 1976.
- VEJ *Revista Veja.*
- VES *O valete de espadas.* MOURÃO, G. M. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VN *A viagem noturna.* TEIXEIRA, M. L. São Paulo: Martins, 1965.
- ZH *Zero Hora.*